



O futuro em formação.



Programa Blue School 2015/2018 no Colégio Euro-Atlântico

Texto de apoio Economia do Mar, Hypercluster – entrevista Ernâni Lopes, março 2005

HYPERCLUSTER DE ECONOMIA DO MAR – Entrevista Prof. Doutor Ernâni Rodrigues Lopes

Texto introdutório:

Ernâni Lopes, presidente da Assembleia Geral da AORN, economista, professor universitário, gestor e político, dispensa apresentações. Quando apresenta ideias e estratégias fá-lo com a madureza e a sensatez de muitos meses de investigações, análises e formulações intelectuais. A proposta de análise e organização da economia do mar em hypercluster tem, pois, atrás, de si, as dúvidas e as certezas da evolução da sociedade portuguesa e da sua inserção na geopolítica europeia. É algo que é difícil de “trabalhar”, mas que é essencial começar hoje para a existência futura de Portugal com a soberania e a dignidade possível num Mundo daqui a umas décadas. Trabalhar hoje com a comunidade nacional no seu conjunto, em esforço lúcido que inclua a sua sociedade civil. A AORN, como associação que tem uma experiência acumulada dos seus membros, pode contribuir para erigir tal estrutura, modestamente, claro, mas que pode abrir caminho, dar sugestões, fazer de cabeça intelectual para alertar consciências, enfim, dinamizar, colectivamente, a formação prática de uma ideia. Ernâni Lopes é a voz primeira nesta entrevista.

- RESERVA NAVAL (RN) - O QUE É UM HYPERCLUSTER?

- ERNÂNI LOPES (EL) – *É uma adaptação do conceito (hoje difundido) de cluster, ou seja, um conjunto de actividades que têm articulação no seu interior em função de um produto ou de uma região. O mais correcto é falar de um produto. Fala-se com razão no cluster dos vinhos ou dos acessórios de automóveis. São hoje designações correntes na análise dos problemas sectoriais.*

RN – ENTÃO PORQUE NÃO SE FALA APENAS EM CLUSTER DA ECONOMIA DO MAR?

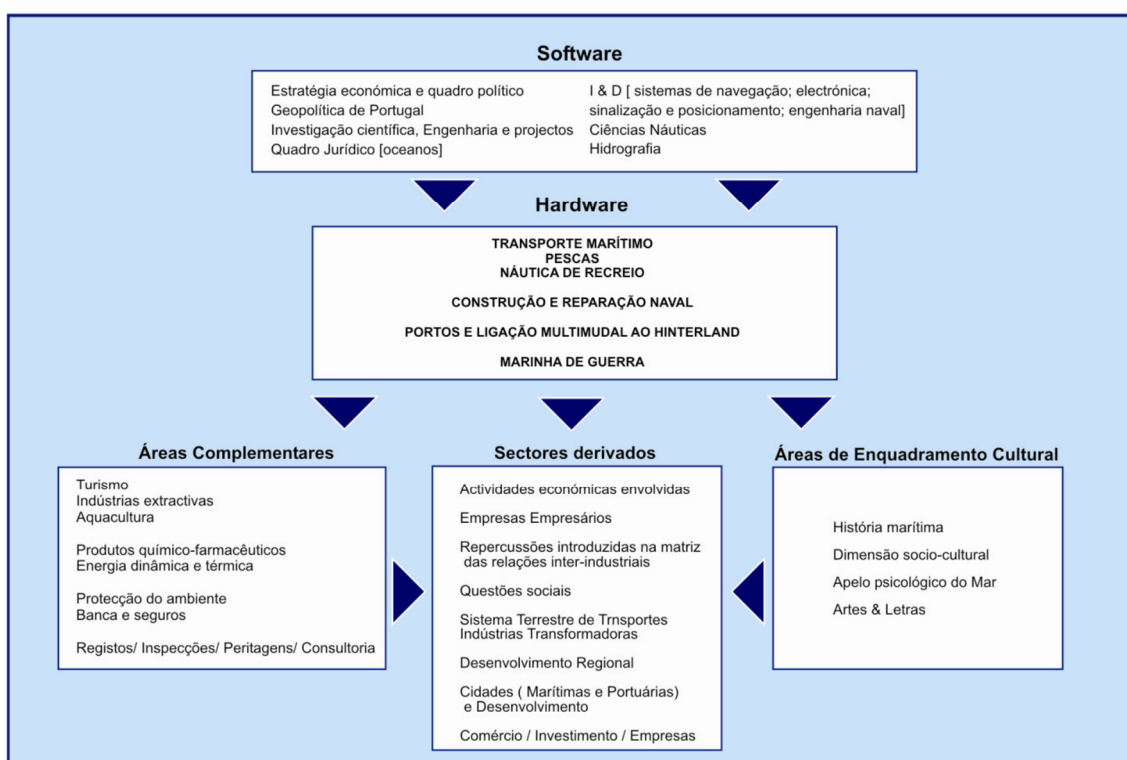
EL – *Na minha opinião, não é hoje razoável referir, simplesmente, um cluster do mar. E isto por uma razão essencial, seguindo a mesma lógica de agregação de actividades em função de um quadro articulado no interior de acções ligadas à utilização e preservação do mar em que há um grande número de entidades de segunda linha. Portanto, se várias das actividades de segunda linha formam verdadeiros clusters, por exemplo, a construção naval, então quer dizer que é necessário conferir-*

lhes identificação, uma diferenciação no conjunto de actividades ligadas ao mar e enquadrá-las numa dimensão de carácter superior. Daí o prefixo hyper.

E, no caso em apreço, um hypercluster da economia do mar. Ou seja, não se trata – e eu aqui quero ser muito claro – de uma visão lírica do mar, nem de gostar ou não gostar do mar, nem de estar ligado a actividades associadas ao mar; trata-se de compreender, de um modo directo, de um conjunto muito vasto e muito complexo de actividades económicas que estão centradas na ligação à economia do mar e, porque isso, ligadas ao hypercluster constituído por muitos possíveis clusters.

E isto por duas razões. Uma - e a mais importante - é que se trata de um conjunto de actividades económicas que pedem para serem articuladas, entre si, para terem uma vida mais rica em conjunto do que isoladas. Ou seja, aquilo que apelidamos de sinergias estruturais.

Outra – secundária – para eliminar de vez, quando dizemos “economia do mar”, qualquer hipótese, mesmo que remota, de se constituir um conjunto de “meros amantes do mar”; não estamos a referir-nos a amantes do mar, estamos a falar de pessoas e entidades conscientes da relevância, do peso e do interesse, para o futuro da economia portuguesa, deste hypercluster de actividades



RN – E QUAL SERIA UMA DESCRIÇÃO ESQUEMÁTICA DESSE HYPERCLUSTER?

EL – *Podemos fazer uma logificação do hypercluster, como exercício para explicitar os componentes e mostrar a articulação entre eles, constituindo uma matriz de partida cujo preenchimento, ao longo do tempo, de uma forma ordenada, permite organizar a passagem à prática do conceito teórico de hypercluster. (ver quadro).*

No centro da logificação do hypercluster está o que podemos chamar, porque é o mais imediato, o núcleo duro do hardware.

Neste núcleo está todo um conjunto de actividades, muitas delas sendo sectores no sentido clássico, mas todas directamente tendo a ver com a expressão de actividade no mar. Posso dar dois/três exemplos; transportes marítimos, portos ou pescas.

Este núcleo duro tem quatro elementos com ele relacionados, aliás relacionados de modo diferente: três que saem dele e um (o mais complexo) que contribui para ele; daí o sentido das setas que estão no gráfico.

Comecemos por este último, a que vamos chamar o software do hypercluster. Este contém, como conjunto, todo o elemento que se exprime por informação e conhecimento, que alimenta qualquer actividade significativa em termos da existência real do hypercluster.

E digo bem “alimenta”, através desse conteúdo de produção dessa informação e conhecimento, porque é perfeitamente possível ter alguma actividade – é uma situação real em Portugal – sem grande expressão e sem grande dinamismo, sem ter o elemento de software do hypercluster com grande intensidade; mas se queremos que o hypercluster tenha dimensão, dinamismo e efectivo papel no desenvolvimento da economia portuguesa, o reforço do desenvolvimento do software do hypercluster é indispensável – e não está feito.

Atrevo-me a dizer que, sem o desenvolvimento do software, pouco faremos de relevante no quadro do interior do núcleo duro do hardware.

Vamos ver, agora, os conjuntos dos três elementos que saem do hardware – ao contrário do software. Encontramos três grandes categorias: uma, a das áreas complementares; outras, os sectores derivados e áreas de enquadramento cultural.

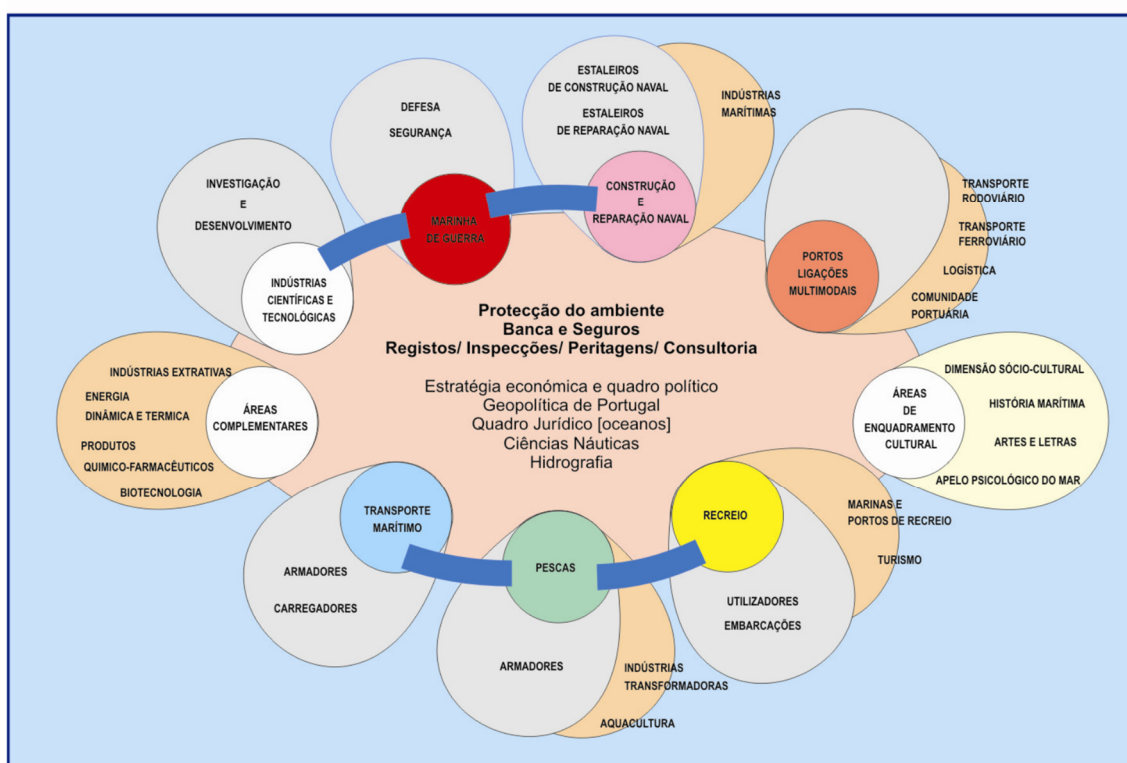
Nas áreas complementares, encontramos outras actividades económicas que, simultaneamente, recebem impulso do núcleo duro de hardware e, sobretudo, o alimentam também com impulsos de actividade económica, com mercado, com serviços, com produtos. Porque são áreas complementares, o crescimento ou desenvolvimento do núcleo duro de hardware leva ao crescimento ou desenvolvimento das áreas complementares - e vice-versa, se estiverem articulados. Caso contrário, se não estiverem articulados no conceito do hypercluster, esses impulsos são perdidos; não têm papel no hypercluster da economia do mar. Dois exemplos: o turismo – muito se tem falado do turismo na sua relação com o mar, mas, se não estiver articulado no interior do hypercluster, é um impulso que se filtra, que sai do sistema sem pleno efeito

útil; outro exemplo, poderia ser o das indústrias extractivas, incluindo o petróleo. Mas pode falar-se também da banca e seguros. São exemplos de áreas complementares.

Os segundo e terceiro componentes são o dos sectores derivados e o das áreas de enquadramento cultural que também, um e outro, saem do núcleo duro de hardware e onde estão domínios múltiplos de reflexão e conhecimento, onde evidentemente a História Marítima tem papel importante e onde tem papel relevante tudo o que tem a ver com a elaboração de natureza intelectual e, sobretudo, de natureza cultural, com aspectos diversificados que vão das Artes e Letras até aos estudos sócio-culturais.



Hypercluster da Economia do Mar - Diagrama



No âmbito do gráfico anterior, enquadra-se um primeiro conjunto constituído por turismo, indústrias extractivas e aquacultura, isto é, actividades directamente ligadas ao mar. Um segundo grupo mais rebuscado, mais sofisticado, que é a possibilidade de exploração de produtos químicos e farmacêuticos, de toda a área da biotecnologia e provavelmente (num futuro menos longínquo do que se pensa) a produção de energia, quer do movimento das ondas e correntes, quer energia térmica.

E, naturalmente, um conjunto diversificado de serviços, onde há muito a desenvolver e que estão directamente ligados com a actividade económica do mar, nomeadamente: a protecção do ambiente (que é um cluster, em si mesmo, aqui visto como integrado neste hypercluster), banca e seguros (uma área sempre relevante) e

uma actividade de forte criação de valor acrescentado (em que devemos proceder a uma reponderação do nosso papel) referente a registos, inspecções, peritagens e consultoria. De novo verificamos que se trata de uma área em que, sem a actividade do hypercluster, dificilmente nos afirmamos; e, se nos afirmarmos, o hypercluster vem reforçado.

Vejamos agora os sectores derivados. É um componente mais complexo, porque envolve um conjunto muito largo de actividades em que, de novo, o crescimento de um depende do crescimento do hypercluster da economia do mar e vice-versa.

No primeiro conjunto, o sistema terrestre de transportes: não faz sentido ter um sistema marítimo de transportes sem ter um sistema terrestre de transportes, com tudo o que isso significa em termos de actividade económica e de exigência de planeamento de infraestruturas.

Em paralelo, as indústrias transformadoras. Praticamente, todo o conjunto das indústrias transformadoras está implicado, directa ou indirectamente, na construção de um navio. Se não houver construção de navios, não há um impulso adicional na procura dessas indústrias; e se o conjunto de actividades estiver inserido na economia portuguesa, toda a economia estará a ser impulsionada e estimulada.

Factor adicional relevante é o impulso que o hypercluster desencadeia no desenvolvimento regional e nas cidades marítimas e portuárias; isto é, quanto mais forte o hypercluster fôr, mais fortes estes dois efeitos serão potenciadores. Caso contrário, terão efeitos negativos nos desenvolvimentos locais e das cidades marítimas e portuárias.

Portanto, não faz sentido falar em economia do mar sem ter a noção da importância do hypercluster. É este que conta. Qualquer parte isolada não tem repercussão em termos alargados.

Já referimos, em geral, a actividade cultural; mas importa assinalar, ainda, a História Marítima e a dimensão sócio-cultural do hypercluster. E em particular o que representa de formação de uma tradição da actividade das populações ligadas ao hypercluster.

Claro que também o apelo psicológico do mar, que abre espaço para uma reflexão mais elaborada, que se pode enquadrar no domínio do onírico. E finalmente o papel das Artes e Letras, como espaço nobre e interessante – e, inclusive, com o papel de sustentação da ligação lógica ao hypercluster.

RN – COMO SE ENQUADRA O HYPERCLUSTER COM A ECONOMIA PORTUGUESA?

EL – Não faz sentido imaginarmos que o hypercluster da economia do mar, por si, ou em si, constitua como um “remédio” para a evolução futura da economia portuguesa. Afirmá-lo seria uma falta de senso, qualquer coisa sem sentido.

Mas poderá fazer sentido adiantar o seguinte: não é possível, ou pelo menos, não é conveniente, no médio e longo prazo – para além das vicissitudes das conjunturas – que a economia portuguesa se limite a reproduzir-se a si própria. Isto é uma receita garantida de definhamento.

Por isso, temos de ir à procura de alguns domínios onde haja potencial de dinamismo em termos estratégicos para a economia. Isto é, não falo de sectores, mas

de domínios que, por si, tenham suficiente potencial não apenas para crescer, mas também para difundir efeitos de evolução para o conjunto da economia.

Por outro lado, temos de ter presente uma realidade elementar: uma economia não se faz com um ou dois sectores, ela faz-se com todos. Claro que é essencial detectarmos, no conjunto, aqueles em que há um potencial de dinamismo em termos estratégicos.

Podemos identificar quatro domínios estratégicos, onde há potencial de dinamismo para a economia: Turismo, Ambiente, Articulação entre Cidades e Desenvolvimento e Serviços de Valor Acrescentado (terceira idade, saúde, educação/formação em moldes inovadores e algumas operações internacionais).

A estes quatro, devemos acrescentar o Hypercluster da Economia do Mar. Claro que este não tem, no meu ponto de vista, a especificação directa que os outros apresentam; mas já procurei sistematizar, um pouco, a sua complexidade interna.

Quanto ao Hypercluster da Economia do Mar, o que questiono é se há capacidade, apesar do potencial, na economia portuguesa para lhe corresponder.

Ora, o objectivo é que haja. Fazer o possível por haver. Temos de fazer valer a sua importância. Temos de colocar esta temática em discussão. Temos de fazer ver a sua importância no conjunto da economia.

Esta temática está, agora, colocada no seu verdadeiro lugar.

É, certamente, uma perspectiva relevante para o desenvolvimento da economia portuguesa.

E é, seguramente, matéria decisiva para o futuro da ligação (em termos substantivos) de Portugal ao Mar – o mesmo é dizer para o reforço da afirmação de Portugal no contexto internacional.

(entrevista publicada na **Revista Reserva Naval**, propriedade da AORN – Associação dos Oficiais da Reserva Naval – separata de março de 2005)